



OS CRISTÃOS-MOÇARABES NO REINO DE LEÃO E CASTELA, NA PENÍNSULA IBÉRICA. O REPOVOAMENTO DO VALE DO DOURO NO SÉCULO XI.

ZAMORA, Enrique Hernando (USP)

Introdução

O estabelecimento dos Moçarabes no Reino de Leão e Castela remonta aos séculos IX e X. "Refugiados cristãos" fogem aos reinos do norte da península e à Europa Cristã, após terem sobrevivido em pequenas comunidades, em torno de seu Bispo, fiéis a sua fé, celebrando a tradicional Liturgia Hispano Visigoda. Seria difícil num breve marco abordar de forma profunda o problema e importância dos Moçarabes. Identificaremos aqui apenas algumas "huellas", vestígios, de sua presença nos reinos de Castela e Leão, até a abolição do Rito Hispano Visigodo (Moçarabe) no Concílio de Burgos (1080) no reinado de Alfonso VI..

Como na Europa Medieval, a Península Ibérica possui poucas fontes escritas, (e estas em latim), tornando-se um desafio sua interpretação. A tradição oral, o romance (no reino cristão castelhano-leones) e o andalusí (nos reinos taifas) apenas vão ser escritas dois séculos depois sendo facilmente modificadas pelos glosadores: "Os compiladores alfonsinos (Primeira Crônica Geral de Alfonso X O Sábio), seu método consistia em costurar de forma hábil longos trechos extraídos de tempos anteriores nos quais eles conseguiam pôr as mãos"¹. Vários

¹ FLETCHER, R. "En busca del Cid". (1989) Trd Patrícia de Queiroz. Ed Unesp 1998, p. 133.

manuscritos originais desaparecem restando apenas cópias de cópias. Outra grande dificuldade é distinguir o lendário do histórico. Época em que os cantos populares, os rapsodos ("juglares") criam, adaptam, misturam a verdade histórica com o mito literário e religioso de seus heróis, para "catequizar" as massas populares ao estilo veterotestamentário.

A pesquisa exige uma maior técnica, uma abertura maior às ciências como, por exemplo, a química que nos permite a análise cronológica de manuscritos antigos². Constatamos ótimas "huellas" da presença do moçarabe no Vale do Douro no século XI, fronteira do Reino Cristão da Gallaecia com a Espanha Muçulmana. A conquista e repovoamento do "extrema-douro" será o objetivo dos reis cristãos "leoneses" surgindo reinos novos como o de Portugal, nos quais a participação moçarabe terá um papel de destaque.

Referencial Teórico

A Península Ibérica nos séculos X e XI é um aglomerado de reinos, no sul e norte, que procuram sua sobrevivência sem possuir como fator aglutinante principal a ideologia religiosa. A influência do Papado e dos reinos cristãos europeus (principalmente francos) é grande até o ponto de ser "romanizando ou europeizando" a influência que prevalece na Península. Até hoje esta influência é vista por uns como "estrangeirização" enquanto outros a vêem como o fator de "harmonização na ortodoxia cristã".

Na Península Ibérica, nesta época, encontramos duas "hispanias": a Espanha Cristã e a Espanha Muçulmana, chamada de Al Andaluz pelos árabes.

Espanha Cristã reúne dois grupos no século XI: Os Reinos Cristãos do Norte e as comunidades moçarabes do sul.

Os Reinos Cristãos do Norte divididos em: Reino de Leão e o Condado de Castela (cuja hegemonia levou a língua castelhana a ser chamada de "espanhol"), Navarra, Aragão, a Marca Hispânica e o bem sucedido Condado Portucalense

(Braga e Coimbra). Nos séculos IX e X todos seguiam a tradição Hispano-Visigoda, tanto religioso-litúrgica como jurídica; não era Santiago o invocado mas Santo Isidoro cujos restos foram trasladados de Sevilha para Leão pelo Rei de Castela, Fernando I, concílios, leis são ao estilo visigodo (*lex visigotorum* ou *lex judithorum* da qual surge o "Fuero Juzgo"), dioceses que reconhecem o bispo como *caput* pregando a autonomia paulina e isidoriana. A Reforma Cluniense vai mudando este panorama, avança aos poucos pela Marca Hispânica, de tradição mais carolíngia até Navarra (Rioja), Castela e Leão. Os reis ibéricos, benfeitores e "*socius*" de Cluny colocam os mosteiros sob a regra beneditina cluniense: Sancho III "el de Najera" (Navarra), seu filho Fernando I (Castela). O Rei Alfonso VI (Gallaecia), "*socius cluniensis ad aeternum*", acaba com tal dualismo decidindo no Concílio de Burgos (1080) o uso exclusivo do Rito Romano na Península Ibérica, conforme Roma e Cluny.

Os cristãos do sul, os moçarabes, sobreviviam em Al Andaluz (Espanha Muçulmana) desde o século VIII. Cristãos "visigodos" ficaram "aprisionados" nas cidades árabes como Toledo, Córdoba, Granada, Valencia. Alternavam-se períodos de convivência entre judeus sefardies, árabes e "cristãos", e momentos de intolerância. Há uma grande polémica histórica sobre a forma de ver estes migrantes: Musta`Arib ("el que se assimila al árabe") ou Mixti`Arabes ("mezclados con los árabes")? Gonzalez Palencia escreve: "cristianos que siguieron viviendo en los territorios conquistados por los musulmanes: musta`arib= 'El que se asimila al árabe', el que no siendo de raza árabe viene a ser como árabe."³ Chalmera afirma que "los mozarabes deben su apelativo a los cristianos del norte quienes, volcando su desprecio por sus correligionários los denominaron mixti, es decir, mezclados con los árabes"⁴.

As atitudes dos cristãos do sul, Al Andaluz, foram variadas: alguns se converteram ao islamismo, "los neoconversos recibieron el nombre de musulimã y

² Cfr. Les pigments utilisés pour l'enluminure à Fecamp aux XI e XII siècles de Claude Couptry-CNRS, Paris.

³ OLSTEIN, Diego A : "La Era Mozarabe" .Ed Universidad de Salamanca; 1ªEd.2006, p.24.

⁴ Idem, p.24,25.

sus descendientes muladies”⁵ estos nacidos ya en la Península. Vários cristãos se “aculturalizaram”, isto é, preservando sua tradição cristã, hierarquia e liturgia hispânica, suas leis e escrita visigoda, passaram a usar vestimentas, danças, arquitetura e a língua árabe na vida cotidiana. Este grupo será chamado de “moçarabe”, ao estilo das primeiras comunidades cristãs helenizadas. “Los cristianos hispano-visigodos de Al-Andalus fueron libres para conservar y profesar su fé. Los musulmanes respetaron las organizaciones y administracion eclesiaticas y consintieron en la eleccion de nuevos bispos.(..)los mozarabes, estaban sujetos al pago de los tributos especiales” (dhimmi) “correspondientes a los protegidos del Islam o ‘gentes del Libro’... formaban comunidades y autoridades próprias...”⁶.

Outros fugiam para o Reino dos Francos, da Marca Hispânica e, principalmente, para áreas despovoadas do Douro. Os reinos cristãos do norte e europeus foram enriquecidos pela cultura árabe andalusí. Moçarabes e, posteriormente, mudejares serão os canais pelos quais a cultura oriental trazida pelo islamismo fluirá para a Europa medieval cristã. Juntam-se aos cristãos do norte identificando-se na mesma fé e liturgia, expandindo porém a culturação árabe. “Tenemos que pensar en la mediacion de los grandes grupos, ambos educados en el ambiente andalusi y acogidos a los reinos del Norte: los mozarabes y los hebreos (....) aportaron un doble mestizaje: como cristianos del sur, hispanizaron la cultura de los pueblos norteños (...) les llevaron aportaciones àrabes, a veces dudosas pero que pudieron tocar los campos de la literatura, la arquitectura, la alfareria,la pintura,la orfebreria,el tejido,la musica,la vida comercial,la organizacion de la familia.”⁷

As áreas de repovoamento, fronteiras com o mundo hispano muçulmano, os Vales do Ebro e do Douro acolhem também migrantes franco-borgonhães. Neste encontro de culturas, os moçarabes nem sempre são bem vistos pelas

⁵ IRADIEL,P., MORETA Salustiano, SARASA Esteban: “Hª Medieval de la Espana Cristiana”. 2ª Ed.Catedra 1995, p. 21.

⁶ Idem.

⁷ PEREZ Fdez Figares, Joaquim: “Los Mozarabes en el Norte de España”, Cuadernos de Estudios Medievales XII-XIII, Univ.Granada, 1984, p. 155.

correntes franco-elesiásticas que procedem de Europa medieval. “Os observadores estrangeiros viam-se confrontados com determinados costumes litúrgicos que lhes pareciam estranhos.(.....) Os clérigos espanhóis usavam paramentos diferentes e recitavam orações diferentes dos Evangelhos. Os fiéis comungavam pão e vinho quando recitavam o Credo; eles diziam ‘*natum non factum*’ em vez de ‘*genitum non factum*’.”⁸ A abolição do Rito Hispano Moçarabe foi fatal principalmente para estas comunidades que desaparecerão dos reinos cristãos nos séculos seguintes. Apenas permanecerão as pequenas comunidades encontradas na chamada "reconquista" de Al Andaluz e sempre sob a autorização e legislação do Papa: “los Mozarabes constituyen una minoria desaparecida habiendo disminuido drásticamente sus miembros desde el siglo VIII.”⁹

Al Andaluz é a Espanha do Sul, a Espanha Muçulmana com o esplendor e magnitude de Damasco ou Bagdá reconhecida pelos reinos cristãos europeus por sua sabedoria, medicina, literatura, ciência. Por R. H. Shamsuddín Elía: “En ningún momento, ni Roma ni París, las dos ciudades más pobladas del Occidente cristiano, se acercaron al esplendor de Córdoba, el mayor núcleo urbano de la Europa árabe-islámica”¹⁰. Os moçarabes foram um dos grupos migrantes que levaram ciência e cultura árabe aos reinos cristãos da Península e da Europa Cristã. “Si se quiere entender en profundidad el ser de Europa, no basta con volver la mirada a Grecia y Roma para encontrar en ellas sus raíces. El mundo semita, en su vertiente musulmana y judía, constituye una de las bases fundamentales de nuestra historia y cultura. No en vano ‘Europa’, en la mitología griega, era de ascendencia fenicia”¹¹.

Objetivos

Este trabalho tem como objetivo colaborar no entendimento dos impactos

⁸ FLETCHER,R, *Op. Cit.*, p. 99.

⁹ OLSTEIN, Diego A, *Op. Cit.*, p. 35.

¹⁰ DUFOURCO, Chrales-Emmanuel: “La vida cotidiana de los árabes en la Europa medieval”, p. 232.

¹¹ FUENTES, OAAQUIM . “La raíz semítica de lo europeo” (Ediciones Akal, Madrid, 1997), p. 87.

da consolidação da Reforma Papal (Gregoriana) no Reino de Leão e Castela onde se encontram duas ideologias cristãs: a Tradicional Igreja Isidoriana, de Rito Hispano-Moçarabe e a inovadora, a renovação franco-romana de Cluny que expande a "suserania espiritual cluniense" e a Reforma Papal pela Península Ibérica como o fez na Europa medieval. O forte impacto e resistência foram devido, em grande parte, aos "refugiados moçarabes" instalados nas terras do Douro, cedidas pelo rei, como seria o caso de Sisnando de Coimbra, moçarabe cordobes. O Rei Alfonso VI, "*benfeitor et socius*" de Cluny, com a grande influência de sua piedosa esposa Constança de Borgonha, tia do abade Hugo de Cluny, pressionado pelo Papa Gregório VII (1073-1085) decide abolir (por decreto) a Liturgia Hispano Visigoda no Concílio de Burgos (1080) e implantar o Rito Romano ("romanização"), a regra beneditina de Cluny ("beneditinização") nos seus reinos. Consumava-se, assim, a consolidação da Reforma Papal nos Reinos Cristãos da Península Ibérica, apesar da resistência de vários episcopados e mosteiros de Rito Hispano Visigodo e das comunidades "refugiadas" moçarabes.

Não queremos aqui entrar na questão política e religiosa da chamada "reconquista", se os diferentes povos "mouros ou cristãos" se reconheciam continuadores do Reino Visigodo, se o reino de Castela era o legítimo e único representante das "hispanias", se a Liturgia Hispano Visigoda e a tradição de S. Isidoro foram substituídas pelo Rito Romano de Cluny por Alfonso VI apenas para obter o apoio papal ou se realmente a liturgia hispânica era um sincretismo que ameaçava a ortodoxia da fé cristã.

Este trabalho tem por pressuposto apenas mostrar a presença moçarabe nas áreas despovoadas da bacia do Douro no século XI, sua participação e sua importância, sem deter-se no mérito das disputas de poder eclesiástico. monacal, papal ou real.

Metodologia

Pretende-se, através da análise e comparação de fontes primárias e secundárias da História de Espanha, apresentar um breve estudo que nos ajude a

entender o impacto e a necessidade da abolição do Rito Hispânico e implantação do Rito Romano no séc XI para a consolidação da Reforma Papal (chamada de Gregoriana) assim como compreender a resistência da Igreja Tradicional fortalecida pela presença moçarabe.

Desenvolvimento

A consolidação da Reforma Cluniense Papal foi uma realidade que não apagou os numerosos vestígios da Igreja Tradicional. Queremos registrar algumas "huellas" dos cristãos do sul (moçarabes) no vale do Douro, no Reino da Gallaecia (o reino de Leão e Castela que incluía Braga e Coimbra, futuro condado de Portugal). Os moçarabes eram admitidos nos reinos do norte por sua identidade cristã, embora fossem vistos por certos grupos como "cristãos corrompidos" pois tinham uma cultura que não existia nos reinos cristãos. Sua aculturação nas artes, na economia, na agricultura era muito útil assim como a dos judeus sefardies, eram bem mais cultos que os reinos que os acolhiam. O repovoamento do vale do Douro acontece durante os séculos IX ao XI quando Alfonso VI já transpõe o Douro chegando a Toledo (1085).

As "huellas" religiosas são visíveis até hoje. Grandes mosteiros fundados ou habitados por moçarabes "Un monacato repoblador (...) en el reinado del europeísta Alfonso VI, heredero ya de una intensísima vinculación cluniacense,..."¹²; em todos eles se celebrava a "liturgia hispano visigoda", seus "scriptorium" de escrita visigoda, regra Isidoriana e direito teodosiano "*lex Visigotorum*" que séculos após serão base do Fuero Juzgo, mesmo após a abolição da Liturgia Hispânica. Nas ribeiras do Esla encontramos o Mosteiro de Eslonza, ao leste de Leão, com abundantes registros de nomes moçarabes, o Mosteiro de Ardon no vale de Mahmude (vilas moçarabes). Nas bacias do Cea o Mosteiro de Coyanza e, um dos principais, o de Sahagun sede da reforma gregoriana em Castela e Leão. Na Terra de Campos, o Mosteiro de Mazote dos monges

¹² CONDE, A, Linage: "Alfonso VI, el rey hispano y europeo de las tres religiones" (Burgos, 1994).

moçarabes cordobeses que depois fundaram o Mosteiro da Escalada. No Bierzo Leones o santuário de La Encina de estilo moçarabe, patroa da comarca; em Orense o Mosteiro de Celanova de monumentos moçarabes. Em Palência, perto de Liebana, já na Cantabria, em estilo moçarabe o Mosteiro de Santo Toribio; os cluniacenses chegaram a Portugal (condado portucalense na época do Reino de Leão) estabelecendo mosteiros em S. Pedro de Rates, Santa Maria de Vimieiro (Braga) e Santa Justa de Coimbra.

O Mosteiro de Sahagun é a sé da reforma papal: inicialmente com Liturgia Hispa-Visigoda na Capela dos Santos Mártires são Facundo e Primitivo (depois chamado Safagund e Sahagun), transformado por Alfonso VI no “Cluny Hispânico” sob jurisdição direta de Roma desde onde se espalhava o Rito Romano. “Ciertamente que debía ser concedida la regla de San Benito, pero de hecho no nos consta que la comunidad viviera bajo la misma, toda vez que la liturgia era la del rito hispano, la mozárabe y precisamente la innovación en materia de observancia y de liturgia hizo que la comunidad de Sahagún no aceptara al que Cluny había puesto por primer abad, a D. Roberto, el cual no estuvo más que un año al frente del monasterio de Sahagún, concretamente desde 1079 a 1080. Con la implantación de la observancia cluniacense, pues, el 10 de mayo de 1079, el monasterio tomó nuevo auge y así en el abadiato de D. Bernardo (1080-1088), que luego fue el primer arzobispo de la Toledo reconquistada, el monasterio llegó a su máximo de esplendor e irradiación”¹³.

Um segundo arquétipo seria o Mosteiro da Escalada, de Liturgia, arte e paleografia Moçarabe, fundado por monges cordobeses fugindo da intolerância do Califa Abderramam no século X. “Iglesia de un antiguo monasterio mozárabe y después románico en el que pervive la iglesia mozárabe y una torre con dependencias de estilo románico. El templo fue fundado en el año 913 por monjes venidos de Córdoba,(...).En el exterior se abre una magnífica galeria de arcos de herradura sobre columnas y capiteles bellamente labrados como en el interior que

¹³ Ernesto Zaragoza Pascual OSB (net).

nos recuerdan a arcadas de Madinat al Zahara o de la mezquita de Córdoba..."¹⁴.

Além dos mosteiros encontramos também vestígios sacros, documentos com escrita Visigoda (sua cruz) como o "Antifonário Mozarabe " e os diferentes Códices da Catedral de Leão onde podemos identificar o canto, vestimenta e escrita Hispano Visigoda. Atualmente existem nos "archivos catedralicios" de Leão 88 códices preciosos por sua datação e mais valiosos ainda por suas iluminuras como Códice núm. 8: Antifonario con música: "Contiene las antífonas cantadas en las fiestas del ciclo litúrgico y de los santos, según el antiguo ritual visigótico-mozárabe de la Iglesia española hasta la introducción del rito romano. Fué escrito en el año 1069 para el abad Ikila; en una nota del folio 25, se dice que fue copiado directamente de otro del tiempo del rey Wamba en 672. Está inédito y es el único ejemplar del Antifonario mozárabe hasta la fecha conocido"¹⁵. Além dos Códices, o Arquivo guarda um fundo documental de pergaminhos, valiosíssimo não só por sua qualidade, mas pelo tamanho do acervo (com mais de 1800 itens). Hoje existem ainda numerosas igrejas, mosteiros e capelas, nas quais a oração das horas gregorianas e a missa romana ressoam entre seus arcos, pinturas e gravuras árabes e hispano visigodas como no Mosteiro de Tavera (paleografia moçarabes). Mosteiros clássicos como Silos celebram periodicamente a missa na Liturgia Hispano Moçarabe assim como as paróquias de Santa Eulália e Rufina em Toledo. As atas do Concílio de Burgos (1080) registram a abolição da Liturgia Hispano Visigoda e a implantação do Rito Romano. Isso nos faz supor que esta liturgia era generalizada, apesar das tentativas de instauração da reforma gregoriana no Concílio de Jaca (1030), de Coyanza (1050), foi necessário à rigorosidade do Concílio de Burgos cujas atas permanecem na RAH (Real Academia de História).

Várias são as "Huellas" épico históricas. Nos documentos que possuímos da Espanha Cristã, através de fontes ou referências cristãs da Europa Medieval e da História da Espanha Muçulmana (autores andalusies, ou árabes), há vários

¹⁴ Celtiberia.net.

¹⁵ RECOGE, M. Riu. "Textos comentados de época medieval, siglos V al XII", Barcelona, 1975, p. 659. Archivos Catedralicos de Leon.

personagens moçarabes, migrantes ou refugiados. Alguns eram monges, outros apenas cidadãos moçarabes que estiveram a serviço dos califas de Córdoba ou Sevilha e Toledo.

Indicamos um, a título de exemplo. Sisnando de Coimbra (1064-1092) assessor do Rei Fernando I, Rei de Castela e de Leon, e de seu filho Alfonso VI. Sisnando, personagem também semi-lendário, será o Senhor de Coimbra em nome do rei negando-se a entrar na obediência de Santiago de Compostela e aceitar o Rito Romano cluniense: “En el nombre de Dios y con su misericordia. En este año el rey don Fernando, que tenga un descanso eterno, conquistó esta ciudad de Coimbra y la reconquistó al pueblo musulmán por medio de su espada, con la ayuda del Señor rey de los Cielos. La reconstruyó y dió en custodia, oh Dios, a un príncipe fiel suyo, el señor Sisnando, bendecido por Dios. En aquellos dias Sisnando la habitó junto con sus barones, sus vasallos y sus fieles”¹⁶. Sisnando era um chefe mozárabe, filho de David (Davidiz), que tinha aconselhado a Fernando I a conquista da cidade, chegou a ser o principal valido do emir de Sevilha. Sisnando usou, na qualidade de senhor do território conimbricense, o título árabe de “alvasil” ou “wasir”, ao lado dos títulos de “conde”, que era o mais elevado abaixo de rei. Rodeou-se de pessoal administrativo mozárabe, senão mesmo árabe. Era fiel vassalo de Alfonso VI. Nesta época estava em processo a luta entre o chamado rito mozárabe, que fora já o da antiga igreja visigótica, e o rito romano que os Papas tentavam impor na Península, por intermédio dos monges de Cluny. Portugal e Galiza foram sempre terras aferradamente conservadoras. Braga e Coimbra foram as últimas dioceses da Península a aceitar o novo rito. Sisnando, governador, e o Bispo Paterno, também moçarabe, como vários abades e bispos do Reino, não aceitaram a celebração do Rito Romano na Catedral Moçarabe de Coimbra. O Rei Alfonso VI, mais diplomático que canônico, esperou pela sua morte (1092) para colocar como Bispo Cresconio de Tuy (do Rito Romano) ficando consumada a reforma Papal no que será o futuro Condado de Portugal dado como dote a sua filha natural Teresa casada (1093) com D Henrique de Borgonha (1095 a

¹⁶ Idem.

primeira Constituição portuguesa).

As “huellas” literárias e filológicas não estão ausentes. A Igreja usava o latim na sua liturgia e no documentário porém a língua falada popularmente durante dois séculos (não escrita) era a língua “romance”. Na Espanha Muçulmana era o andalusí, além do árabe; o romance vai adquirindo formas com grande influência arabesca, dos moçarabes e mudejares. O termo “Algarve” provém de “al-Gharb al-Ândalus” nome dado ao actual Algarve e baixo Alentejo durante o domínio muçulmano, significando “Andaluz Ocidental”, pois era a parte ocidental da Andaluzia muçulmana”¹⁷.

A influência muçulmana fica registrada em obras de tradição oral, ao estilo árabe, como no Cantar do Mio Cid (em moçarabe sayyid = meu senhor). Os épicos cristãos como “A Chanson de Roland e o Cantar del Mio Cid” conforme alguns historiadores e filólogos, seriam narrativas influenciadas pela épica árabe da Yahiliyya (literatura pré-islâmica). Canções de tradição oral, como os “ayyam al –arab” (batalhas entre tribos) já existiam no mundo árabe pré-islâmicos: “una espada o un caballo podian dar nombre a un hèroe, rasgo que pasará, a través de los andalusies y de los provenzales, a Europa y la épica francesa”¹⁸. No Cantar do Mio Cid, estes elementos cristãos são encontrados na convivência de culturas: meu sayyid, meu senhor, em moçarabe. “El sayyid es el hèroe de una comunidad, la tribu árabe, tanto en el campo de batalla como en la vida cotidiana en la que debe ocuparse de atender a los miembros más débiles del grupo, rescatar a los prisioneros o dar hospitalidad a los viajeros y defender el honor de su tribu”¹⁹. Os primeiros cantadores anônimos da canção do Mio Cid seriam moçarabes? É verossímil pois apenas quem conhecesse e ama ambas as culturas, a árabe e o romance, seria capaz de realizar tão magnífica junção. Até as lendas sobre o Mio Cid, cavalgando morto sentado no seu cavalo às portas de Valência são transferidas sem perder sua beleza e paixão. Nos “ayyam al –arab” (batalhas entre tribos) da tradição pré-islâmica (Yahiliyya) já existia o Mito de Ântara que foi o

¹⁷ Wikipedia.

¹⁸ RAMIREZ del Rio, José “La Orientalizacion de Al-Andalus” Universidad de Sevilla 2002, p. 24.

¹⁹ Idem, p. 23.

maior dos heróis: “Ântara morreu de uma flechada. Estava montado no seu cavalo-Abjar (...) com o corpo de Ântara ainda sobre o dorso, também correu na mesma direção. O cadáver de Ântara andou por muito tempo preso à sela de Abjar pondo em fuga os inimigos”²⁰.

A Espanha Muçulmana, com sua originalidade, serviu de duto para a cultura “Yahiliyya” chegar a Europa, através dos andalusies (moçárabes, sefarditas e mudejares). A Chanson de Roland é inspirada na literatura árabe pré-islâmica. Assim como o cavalo, a espada dos heróis árabes tinha nome, os sayyides árabes apelaram à força da sua espada: “lo que nos lleva a pensar que el rasgo no nació de forma independiente en Europa, sino que procede a del árabe. (...) los nombres de las espadas de la épica francesa, que proceden del árabe...la espada de Roland, Durandal, procede de Du-l-andar...que significa ‘la deslumbrante’, ‘la brillante’)” mais ainda sendo esta a espada que foi arrebatada ao “moro Aumont”²¹.

Outro estudo, filológico e topográfico, é do Prf Joaquim Perez Fdez da Universidade de Granada sobre a toponímia mozarabe: “nombres árabes y mestizos, es decir, los compuestos con elementos árabes y románicos. Los nombres de esta clase que se encuentran en el valle del Duero han sido considerado como mozarabes”²². Os nomes que vieram da composição usadas pelos moçárabes ao estilo árabe de “abn”, “beni” como prefixo que quer dizer “filho” incorporados à língua romance, castelhano atual, como “Benegiles, beneservandi, Vanimirel, Vaniuniz”. “El segundo grupo seria de nombres mestizos seria...con “villa”, “castro”, o “valle” y un segundo termino en àrabe, nombre del repoblador, mozarabe o berebere: Villa Habivi, Valle de Aboxoque....Villamariel. El tercero grupo serian los nombres de raiz àrabe y morfema de plural romace, es decir, terminados en es..... Cebrones del Rio (sabrún ibn Sahid)... Almagarines Albire Jabares, Zotes, Tamames, Mazafes..... Este nombre que posiblemente quiere decir mercaderes se referia a los mozarabes en vista del origen urbano de muchos de

²⁰ MUSSA, Alberto: “O Enigma de Qaf,” Ed Record 2004, p. 23.

²¹ RAMIREZ del Rio, José. “La Orientalización de Al-Andalus”, Universidad de Sevilla 2002, p. 115.

estos”²³.

As “huellas” geográficas demarcan o Douro: povos, vilas e cidades, áreas, devidamente documentadas onde os moçarabes foram os responsáveis pelo seu comércio e desenvolvimento: mosteiros, agricultura, comércio. “Las comarcas de los rios Orbigo, Esla, Cea y Valderaduey tenian una poblacion mozarabe muy numerosa de acuerdo con los documentos del siglo X”²⁴. Vários autores estudam cada região de forma minuciosa, como W. Merino Rubio (“Toponimia mozarabe en la repoblacion del territorio leones”), Manuel Gomez Moreno (“Iglesias mozarabes”), entre outros. Há um despertar na pesquisa da história da “Espanha Muçulmana” que ficava no silêncio até hoje. “En la cuenca del rio Orbigo se encuentra, al norte, una pequena comarca donde parece que pudieron vivir algunos mozarabes: junto al rio Omaña, se haya el pueblo de La Utrera, y relativamente cerca, Villarmeriel e Villaroquiel, que parecen foneticamente mozarabes; la parte sur de las Omañas se llama Garandilla que podria ser la trasliteracion de Gamatilla o Granadilla (..) En la cuenca de Esla se encuentran Armunia (la Almunia, la Huerta) la ciudad de Leon en cuyos documentos hallamos frecuentemente el recuerdo de los mozarabes”²⁵ e um sem fim de Villas como “Villacete” (Villa Zaid). Vila Zaida que era a quarta esposa de Alfonso VI, moura e viúva do Sheik de Sevilha; não seria descabido que ela protegesse tanto aos moçarabes como aos mudejares e fizesse de Alfonso VI, paradoxalmente, o rei mais arabizado apesar de ser ele quem aboliu a Liturgia Hispânica.

Na região de Leão e Castela a quantidade de moçarabes é abundante e quando bem acolhidos participavam do poder político religioso, eclesiástico e econômico. Os moçarabes deixam não só seu nome nas vilas mas suas igrejas, mosteiros de estilo moçarabe e documentos escritos. “En la provincia de Palencia se encuentra San Pedro de Moarves, cuyos nombres aluden a los mozarabes, Cordovilla de Aguilar cerca de Liebana, ya en la Cantabria, donde se construyó el

²² PEREZ Fdez Figares, Joaquim: “Los Mozarabes en el Norte de España” Cuadernos de Estudios Medievales XII-XIII Univ. Granada 1984, p. 155.

²³ Idem, p. 156.

²⁴ Ibidem, p. 157.

²⁵ Ibidem.

monasterio de estilo mozarabe de Santo Toribio. En Burgos a região da Rioja e seus monastérios onde pela primeira vez escreveu -se a língua romance, atribuída ao monge Gonzalo de Berceo. (...) La legendária Zamora de 'las siete murallas y siete fosos' estuvo poblada por mozarabes de Toledo entre 893 y 988 que entonces fueron cautivados y llevados al sur"²⁶ certamente por Almazor nos seus ataques até Santiago de Compostela (início do século XI). Em Salamanca encontramos "la calle de Placentines, que alude a los cristianos del sur"²⁷ onde existiam paróquias mozarabes junto al rio Tormes. Na margem esquerda do Douro: "En Extremadura ademas de Granadilla (Càceres), La Hurdes fue el refugio natural de mozarabes y bereberes"²⁸.

Finalmente, também encontramos "Huellas" nas artes e comércio tão importantes para a vida econômica. Os moçarabes agilizaram a vida comercial das terras onde se assentavam. Roupas e peças de "ajuar" de nomes árabes, tecidos, cortinas, vasilhames de origem árabe. "En la vida de las ciudades son frecuentes los nombres árabes en lo que se refieren a los funcionarios son aluazibe, zavazouke (prefecto del mercado), alcalde, zahbascorta (prefecto de la policia), almozarife(contador), harraze(guardia), los elementos materiales (...) oficios como alveidar, tiracero (tejedor o bordador) zerraco (sillero), ... pesas y medidas embora o sistema era de origen romano, tales como almutelio (almud), kafiz (cahiz), arralde (peso) asi como los numeroso nombres de monedas, puesto que las que funcionaban eran las andalusies y del derecho mercantil, alcaedi (juez), annafeke (derecho de aprisionamiento), atafeke (aveniencia judicial), alales (gananciales?), albaroc (propina agasajo despues de una venta segun Corominas), adufaire (renta), maquila (pago en grano; derechos reales, albalà(registro), alvenda (promesa), azofr (prestacion) otras palabras relacionadas con el derecho mercantil son alquiler, documentada en 1202, albacea en 1205. Breve diccionario etimologico de la lengua castellana"²⁹.

²⁶ Ibidem, p. 163.

²⁷ ALVAR.M "El fuero de Salamanca", universidade de Granada, CSIC,1968 pp 50-55, p. 56.

²⁸ PEREZ Fdez Figares, Joaquim, *Op. Cit.*, p. 162.

²⁹ Idem, p. 174.

Enraizaram os "linajes" árabes muito usados até hoje em Toledo, a vida mercantil e costumes militares. Os nomes de famílias formados conforme costumes árabes como "filiação" ("ibn") que em latim se traduzia como "*filius*" e em romance "iben" ou "ven" (coletivo "beni" ou "bani" que derivava do árabe "banu"). Assim encontramos aos milhares esta sociedade de linajes nos reinos cristãos como Bani Mazaref, ou Veni Albo, os bani Gómez do Cantar do Mio Cid substituído pelo toponímio de Carrion.

Considerações Finais

As regiões do Vale do Douro nos oferecem ainda hoje inúmeras "huellas" da presença moçarabe na região, embrião do reino de Portugal e de Castela. Encontramos arquivos da Liturgia Moçarabe, não publicados (além de arqueológica) como no Mosteiro de Silos. Um rio de nomes, de vilas, poderão ser objeto de estudo de filólogos e historiadores. Não faltam, sem dúvida, as vidas de santos, as lendas e seus personagens (como os "beatos" denominados "iluminados moçarabes") para mitificar e confirmar a cultura moçarabe na região.

Historicamente a região foi um núcleo de conflito, de disputa de terras, poder e hegemonia religiosa mas de impulso e crescimento social e econômico. Os maiores "benfeitores hispanii" (conforme os cartulários de Cluny) estiveram divididos entre a tradicional Igreja Hispanico-Isidoriana e a renovação Cluniense. O Rei Fernando I morre em 1065 solicitando a presença de bispos e abades e rezando a missa no "rito hispânico", solicitando ser enterrado na Catedral de S. Isidoro onde repousam os restos do Padre da Igreja Visigoda cuja "*traslatio*" de Sevilha a Leão foi feita por ele mesmo. Seu filho Alfonso VI "*socius cluniensis*" viveu e conheceu Al Andaluz nos seus tempos moços de desterro. Ele também permanece na dúvida ou indecisão, narrada pelas lendas do "juízo de Deus" sobre os missais "*Romanum et Mozarabicum*", casado com uma moura, Zaida a quem chamou Isabel, com grandes assessores moçarabes. Porém, com a pressão papal de Gregório VII, decide abolir um dos eixos da cultura moçarabe deliberando que nos seus reinos apenas poderia celebrar-se a Liturgia Romana ao estilo de Cluny.

A pesar das rebeldias, dois séculos depois, os moçarabes desaparecem; todos os reinos cristãos da Península Ibérica celebram as Horas, a Missa e os Sacramentos no Rito Romano, salvo as pequenas comunidades moçarabes que são "libertadas" pelos cristãos do Norte na sua retomada das terras muçulmanas. Na Península Ibérica, como diz o Prof. Gómez Moreno, "la cultura de los reinos cristianos siguiò siendo basicamente europea y cristiana pero llegò a conocer elementos de la cultura árabe, que en esos momentos llevaban las luces del futuro. Los mozarabes unieron el arte del norte con el arte del sur"³⁰.

REFERÊNCIAS

ALVAR.M. **El fuero de Salamanca**. Universidade de Granada CSIC,1968, p. 50-55.

ANONIMO. **Poema de Mio Cid**. Ed Classicos Universales, 1999.

AZIZ, Philippe. **A Civilização Hispano-Moura**. Ed Ferni, 1977.

CHEJNE,Anwar G. **História de la España Musulmana**. 4ed. Catedra. Trad. Pilar Vila. 1999.

CONDE,A,Linage. **Alfonso VI, el rey hispano y europeo de las tres religiones Burgos**, 1994.

CORTAZAR, J.Angel G. **Historia de Espana .La época Medieval**. Alianza Ed.1988.

COUPRY, Claude. **Les pigments utilisès pour l'enluminure à Fecamp aux XI e XII siècles**. CNRS-Paris.

DUFOURCQ,Chrales-Emmanuel. **La vida cotidiana de los árabes en la Europa medieval.)**

FITA,Fidel. **Actas del Concilio de Burgos de 1080**"in Boletim de la Academia de

³⁰ Gómez Moreno in PEREZ Fdez Figares, Joaquim, *Op. Cit.*, p. 170.

Historia. Cuaderno IV Tomo XLIX, 1908.

FLETCHER,R. **Em busca del Cid.** Trad. Patrícia de Queiroz. Ed Unesp, 1998.

FUENTES,JOAQUIM. **La raíz semítica de lo europeo.** Madrid: Ediciones Akal, 1997.

IRADIEL,P., MORETA Salustiano,SARASA Esteban. **Hª Medieval de la España Cristiana.** 2ed. Catedra, 1995.

LINAGE Conde,Antonio. **Tres Cuartos de Siglo de Monacato en el Reino de León: 1050-1125.** Universidad San Pablo, CEU.

MUSSA,Alberto. **O Enigma de Qaf.** Ed Record, 2004.

OLSTEIN, Diego A. **La Era Mozarabe.** 1ed. Ed Universidad de Salamanca: 2006.

PEREZ Fdez Figares, Joaquim. **Los Mozarabes en el Norte de España.** Cuadernos de Estudios Medievales XII-XIII Univ. Granada: 1984.

RAMIREZ del Rio, José. **La Orientalizacion de Al-Andalus.** Universidad de Sevilla: 2002.

RECOGE, M. Riu. **Textos comentados de época medieval, siglos V al XII.** Barcelona: Archivos Catedralicos de Leon, 1975, pp. 658-660.

SANZ Sancho,Illuminado. **Notas sobre la política religiosa en lo tiempos del rey Fernando I de Leon y Castilla.** Universidad Autónoma de Madrid.